



UNIVERSIDADE FEDERAL DO DELTA DO PARNAÍBA - UFDP
CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO

**“O quilombo não se explica, o quilombo acontece” do silenciamento da mulher negra ao
aquilombamento:
Um relato de experiência**

Débora Rafaela Silva Brito

Parnaíba Piauí, 2023

[Digite aqui]

Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Curso de Psicologia

**“O quilombo não se explica, o quilombo acontece” do silenciamento da mulher negra ao
aquilombamento: Um relato de experiência**

Trabalho apresentado como requisito para a
Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia,
sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Augusto
de Sousa Prado.

Débora Rafaela Silva Brito

Parnaíba Piauí, 2023

[Digite aqui]

Agradecimentos

Expresso inicialmente minha gratidão a Deus, responsável pela dádiva da minha existência. Em segundo lugar, dedico profundo agradecimento à minha mãe, Raimunda da Silva, que viabilizou a oportunidade educacional fundamental para moldar a pessoa que sou hoje. Suas incansáveis ações proporcionaram a concretização do meu sonho de me tornar psicóloga, mesmo diante das adversidades financeiras que enfrentamos. A força dela sustentou-me nos momentos mais difíceis e instigou-me a prosseguir nessa jornada.

Em terceiro lugar, expresso minha sincera gratidão a meu pai, Francisco das Chagas Brito, cujo apoio constante foi inestimável. Às minhas sobrinhas, Aléxia Vitória Silva Brito Moura, Eloah Victória Silva Brito Martins e Thaila Ohana Brito de Oliveira, e minha irmã Aparecida Fernanda Silva Brito que representam símbolos de amor e aos quais almejo servir de exemplo. Às amigas da cidade de Parnaíba, que me acolheram calorosamente nesta trajetória.

Agradeço à minha professora e amiga Dra. Carla Fernanda de Lima, a Manawkanda, por ter me acolhido e transmitido ensinamentos valiosos sobre africanidades e aquilombamento, como também sobre amor. Sendo para mim uma fonte de inspiração a quem tenho um profundo sentimento de carinho.

A todo o grupo de aquilombamento ANKH, expresso minha gratidão. Sem suas histórias e afetos, este trabalho não teria sido possível. Além disso, o grupo foi uma base sólida de acolhimento e amor para mim, transformando-se em uma família construída não pelo vínculo sanguíneo, mas sim pelo afeto.

Dedico esta vitória a todos os meus ancestrais africanos, que seguem comigo. Esta conquista não é apenas minha, mas uma homenagem a todos os que já se foram e àqueles que ainda estão por vir. Minha gratidão, resistência e Axé permeiam esta jornada.

Resumo

Desde o período escravocrata, as pessoas negras têm enfrentado um sistemático silenciamento, com os brancos arrogando-se o direito de falar sobre elas e suas histórias. Este silenciamento exerce impactos significativos na vida das mulheres negras, gerando sentimentos de inferioridade e obstáculos no reconhecimento de suas próprias identidades. Nesse contexto, apresento um relato de experiência proveniente de um grupo de quilombamento vinculado ao "Projeto Quilombo Ankh". O objetivo principal foi identificar de forma específica as diferentes formas de silenciamento presentes nos relatos das participantes, analisando os impactos desses processos em suas vidas. Destacando ainda como o quilombamento pode se revelar uma ferramenta crucial para o cuidado e formação de uma rede de apoio, sublinhando a importância desse grupo na vida dessas mulheres. A metodologia adotada envolveu minha participação ativa e observante no grupo, registrada por meio de diários de campo. Além disso, foram realizadas pesquisas bibliográficas, consultando autores relevantes para o estudo nas bases de dados Scielo, Scholar Google e Docero pdf. Os resultados revelaram que as mulheres do grupo foram afetadas direta e indiretamente pelo racismo e pelo silenciamento, impactando sua autoidentificação como mulheres negras e suas expressões em relação a si mesmas e aos outros. Evidenciou-se como o racismo é uma construção na sociedade brasileira, ao passo que um grupo de quilombamento pode proporcionar uma voz para essas mulheres, permitindo que contem suas próprias histórias, com especial atenção à importância da ancestralidade. Conclui-se, portanto, que o grupo de quilombamento configura-se como uma ferramenta fundamental contra o silenciamento, enriquecendo o conhecimento sobre a cultura africana, fortalecendo a autoestima dessas mulheres, estabelecendo redes de apoio, promovendo a resistência e engajando-se na luta contra o racismo.

Palavras-chave: Racismo, Silenciamento das mulheres negras, Ancestralidade, Quilombo, Aquilombamento.

Abstract

Since the slavery period, black people have faced systematic silencing, with whites arrogating to themselves the right to talk about them and their stories. This silencing has significant impacts on the lives of black women, generating feelings of inferiority and obstacles in the recognition of their own identities. In this context, I present an experience report from an aquilombamento group linked to the "Quilombo Ankh Project". The main objective was to specifically identify the different forms of silencing present in the participants' reports, analyzing the impacts of these processes on their lives. The main objective was to specifically identify the different forms of silencing present in the participants' reports, analyzing the impacts of these processes on their lives. Also highlighting how aquilombamento can prove to be a crucial tool for the care and formation of a support network, underlining the importance of this group in the lives of these women. The methodology adopted involved my active and observant participation in the group, recorded through field diaries. In addition, bibliographic searches were carried out, consulting authors relevant to the study in the Scielo, Scholar Google and Docero pdf databases. The results revealed that the women in the group were directly and indirectly affected by racism and silencing, impacting their self-identification as black women and their expressions in relation to themselves and others. It was evidenced how racism is a construction in Brazilian society, while an aquilombamento group can provide a voice for these women, allowing them to tell their own stories, with special attention to the importance of ancestry. It is concluded, therefore, that the aquilombamento group is a fundamental tool against silencing, enriching knowledge about African culture, strengthening the self-esteem of these women, establishing support networks, promoting resistance and engaging in the fight against racism.

Keywords: Racism, Silencing of black women, Quilombo, Ancestry, Aquilombamento.

Sumário

Introdução	7
Metodologia	12
Resultados e Discussão	13
Autoidentificação Racial	14
Silenciamento das Mulheres Negras	17
O Grupo e a Ancestralidade	20
Aquilombamento.....	25
Considerações Finais	28
Referências.....	31

Introdução

A escravidão dos povos negros no Brasil teve início por volta da década de 1530 e se estendeu por mais de três séculos. A população negra escravizada era tratada como um povo inferior em razão da sua cor de pele, em contraste com um povo que se considerava evoluído: o branco de origem europeia. Assim, surge a ideia de raça para classificar os seres humanos, atribuindo-se tudo de bom aos povos brancos e tudo de ruim aos demais povos, como no Brasil com os povos indígenas que também foram submetidos à hierarquização e escravidão pelos portugueses (Almeida, 2019).

A população negra foi trazida da África para o Brasil para servirem como mão de obra escravizada sem nenhum direito sobre seus corpos. Eram considerados povos sem cultura, pois não possuíam uma escrita que simbolizasse sua religiosidade e sua tradição. Aos olhos dos evoluídos, os não evoluídos precisavam ser ensinados à cultura dos brancos, ao catolicismo e aos seus costumes (Nascimento, 2022).

Em meu primeiro estágio profissional em uma unidade básica de saúde na cidade de Parnaíba, no Piauí, deparei-me com o atendimento a mulheres negras, o qual proporcionou-me a percepção de que o sofrimento experimentado por essas mulheres transcendia o âmbito psíquico, emanando de uma sociedade profundamente enraizada em estruturas racistas. Repetidamente, essas mulheres expressavam um silenciamento em suas palavras, manifestando sentimentos como: “Não posso contar a ninguém, ninguém vai me escutar, sou inferior a todos, não posso falar e tenho vergonha de falar, pois tenho medo de ser vista como mal educada”.

Adicionalmente, muitas dessas declarações ecoavam experiências que eu, enquanto mulher negra, já havia enfrentado, como a minimização da minha voz, a sensação de inferioridade perante os outros e a percepção de ter minha narrativa contada por terceiros, devido à minha própria hesitação em compartilhá-la. Essa reflexão conduziu-me a indagar: qual é a natureza desse silenciamento que nos afeta de maneira tão profunda?

O silenciamento aparece como uma forma de dominação as mulheres negras escravizadas, vistas como objetos que seus senhores controlavam. Nesse período, as negras não tinham direito à voz. Os seus senhores determinavam suas necessidades e até mesmo quem elas eram. As vivências dessa população foram relatadas de forma distorcida e minimizada ao longo da história por uma

voz que não era delas, mas de quem os dominou, fazendo com que a população negra fosse cada vez mais inferiorizada.

As negras foram obrigadas a viver em regime de silêncio. Tiveram que se adaptar a uma nova língua, sua religião foi proibida e demonizada e sua história apagada. Suas descendentes do pós-período escravocrata até a atualidade muitas vezes se sentem como exceção, fora do lugar, ou seja, estão em menores número nas salas de aula, nos cargos de poder ou nas lideranças (Nascimento, 2022).

E assim tem sido, querem que nos calemos, que não falemos da escravidão e das chagas que nos impuseram, fazem-nos inclusive viver lembranças que não são nossas! Tentaram e continuam tentando tirar nossa memória e fazer-nos pensar e lembrar uma versão da história da qual nossa participação é minimizada e desqualificada, para que outros relatos tomem lugar (Nascimento, 2022, p. 55).

Um exemplo do silenciamento era o uso de máscaras nos escravizados por determinação dos senhores brancos. Essas cobriam a boca, órgão que simboliza a fala. Eram utilizadas como castigo para que as pessoas negras não ingerissem cana de açúcar, provocando medo e fazendo com que elas permanecessem mudas (Kilomba, 2019).

Para as mulheres negras, o impacto é ainda maior, pois as questões de gênero também estão relacionadas. Segundo Dias, et.all (2022), as mulheres negras fazem parte do grupo mais oprimido da sociedade. No livro *Erguer a voz* publicado no ano de 2015, a autora bell hooks afirma que existem inúmeras razões para o silêncio das mulheres negras, principalmente em decorrência do racismo e do machismo. Esse silenciamento é usado como uma ferramenta para reprimir e calar essas vozes. Para a mulher negra, é imposto que ela viva conforme os padrões e as regras da sociedade, não podendo questionar sobre eles, pois se fala é vista como atrevida, mal educada, raivosa e barulhenta.

Segundo Kilomba (2019), o racismo não pode ser dissociado do machismo, pois as questões de raça e gênero são interconectadas, fazendo com que a mulher negra sofra ainda mais ataques. A autora aponta que um dos problemas ao se abordar o racismo, é considerar somente a

ótica do impacto na vida do homem negro, e o machismo pelo impacto na vida das mulheres brancas, fazendo com que as mulheres negras sejam invisibilizadas.

Conforme afirma Ribeiro (2019), os homens brancos eram quem falavam das mulheres negras ao longo da história, definiam quem eram e suas necessidades. Nesse sentido, é importante que as mulheres negras possam falar de si próprias, de suas diferenças em relação aos homens negros e às mulheres brancas. Entender essas diferenças é entender o lugar de fala dessas mulheres. Para Kilomba (2019), falar de si e poder descrever a sua própria história é sair de “objeto” para sujeito de si mesmo. Esse é um ato político.

Nesse sentido, bell hooks (2015) afirma que quando as mulheres negras erguem suas vozes é uma forma de resistência, é romper contra os ataques sofridos pelo racismo seja direta ou indiretamente, é ser protagonista da sua própria trajetória.

Segundo Evaristo (2020), a prática da escrita por parte de mulheres negras representa um ato de resistência contra os sistemáticos silenciamentos impostos às mulheres negras escravizadas, que só podiam expressar-se perante a elite dominante na medida em que fosse permitido. Dessa forma, quando mulheres negras se dedicam à escrita, não o fazem apenas por si mesmas, mas também em nome de todas aquelas que, durante o período de escravidão, foram privadas do direito de fazerem ouvir as suas próprias vozes. Essa atividade literária é, assim, uma forma de escrevivência, uma narrativa que transcende a experiência individual, abraçando a história coletiva das mulheres negras que foram marginalizadas e silenciadas ao longo do tempo.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (Evaristo, 2020, p.30)

Observo, portanto, que as investidas do racismo contra nós, mulheres negras, têm um impacto bastante evidente. O silenciamento retira-nos a voz, sendo importante utilizá-la como meio de resistência para conseguirmos verdadeiramente viver. Durante meus atendimentos no estágio, constatei que ao compartilharem suas experiências dolorosas, essas mulheres conseguiam reconstruir o significado do que lhes ocorrera. O contato com minha própria voz e o ato de

“escreviver” (Evaristo, 2020, p.30) esse trabalho esse trabalho permitiu-me iniciar uma compreensão mais profunda de minha identidade.

Na minha jornada de vida passei por experiências diretas e indiretas de racismo. Uma dessas experiências comentei com muita emoção em uma das minhas aulas na universidade, onde a professora que estava presente me acolheu e disse: Aquilombe-se. A partir daí, surgiu a necessidade de erguer a minha voz para lutar contra o racismo sofrido por mim e por várias outras, como também buscar me aquilombar, pois um grupo de aquilombamento me faria estar presente com outras mulheres que também vivenciaram situações parecidas, poderia me reencontrar e me fortalecer num espaço de luta e resistência.

Conforme exposto por Nascimento (2020), o quilombo caracterizava-se como um agrupamento de indivíduos escravizados que conquistavam sua liberdade através da fuga, organizando-se coletivamente para formar comunidades autônomas, marcadas por suas tradições africanas em contraposição ao sistema escravocrata estatal. Nos quilombos, eram resgatados e celebrados os modos de vida das comunidades africanas, destacando-se a partilha de alimentos provenientes da caça e pesca, desprovidos de orientação lucrativa. Ademais, os integrantes dessas comunidades quilombolas comprometiam-se mutuamente com a proteção e cuidado uns dos outros. Dessa maneira, o quilombo se configurava como um reduto de resistência para os indivíduos escravizados, proporcionando-lhes a oportunidade de vivenciar suas próprias tradições, zelar pelo seu bem-estar e expressar sua identidade, mesmo diante dos perigos inerentes de viver nessa época.

Assim o grupo de aquilombamento surge como um espaço de luta, autonomia e resistência inspirado nos quilombos do período escravocrata em que as mulheres negras podem ser elas mesmas e formarem redes de apoio para a luta contra o racismo. No período da escravidão, o quilombo era visto como o lugar de fuga para escravos, mas além disso ele foi se constituindo como um espaço de luta contra a escravidão (Nascimento, 2018).

A escrita de mulheres negras, os grupos de apoio, as lutas, são vistas como formas de aquilombamento. Sobre a importância de se aquilombar, Conceição Evaristo propõe em seu poema publicado em 2020 no livro da representação à autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira:

É tempo de ninguém se soltar de ninguém, mas olhar fundo na palma aberta, a alma de quem lhe oferece o gesto. O laçar de mãos não pode ser algema e sim acertada tática, necessário esquema. É tempo de formar novos quilombos, em qualquer lugar que estejamos, e que venham os dias futuros, salve 2021, a mística quilombola persiste afirmando: a liberdade é uma luta constante (Evaristo, 2020, p30.)

O aquilombamento, para além de prover uma rede de apoio aos seus integrantes, também possibilita a compreensão da história de seus descendentes, isto é, da população africana, o que indica uma estratégia de enfrentamento ao silenciamento. Além disso, viabiliza o reconhecimento dos marcadores de africanidade, bem como a aproximação com a ancestralidade e a espiritualidade. Este conjunto de elementos oferece às participantes um ambiente de escuta e acolhimento isento de julgamentos, no qual podem colaborar na construção conjunta de estratégias de combate ao racismo e de resistência.

Diante do exposto sobre a realidade das experiências das mulheres negras que sofrem duplamente com o racismo e machismo proponho nesse estudo focar nesse público. Nesse sentido, este é um relato de experiência de um grupo de aquilombamento e tem como objetivo geral contribuir para a produção de conhecimento da psicologia, ciências afins e a sociedade acerca dos impactos do racismo nas mulheres negras e como um grupo de aquilombamento pode ser importante para o cuidado, acolhimento e rede de apoio para essas mulheres, como uma potente forma de resistência. Especificamente, o estudo objetiva identificar as formas de silenciamento presentes nos relatos do grupo e os impactos que causam na vida das participantes. Identificar as formas como o aquilombamento pode ser uma importante ferramenta para o cuidado e rede de apoio, e a importância do grupo na vida dessas mulheres.

A referida pesquisa encontra-se dividida em: Introdução que apresenta o delineamento do estudo, metodologia que apresenta a descrição do processo do trabalho, resultados e discursões que elencam os principais resultados e argumentos do relato e as considerações finais que sintetizam os resultados e apresenta as conclusões do trabalho.

Metodologia

O presente texto é um relato de experiência da minha participação no grupo do “Projeto Quilombo ANKH”. São apresentadas vivências e reflexões baseadas nas informações constatadas a partir da participação observante, método que diz respeito à investigação a partir da inserção da pesquisadora em grupos, instituições ou comunidades. Esse método me permitiu um envolvimento direto com o grupo, ao mesmo tempo que eu observava também participava das atividades (Peruzzo, 2017).

Comecei me inserindo no grupo por meio da inscrição que fiz no período de recrutamento, interagi, participei e observei todas as atividades. Para a obtenção dos registros das informações foi feito um diário de campo após os encontros com descrições e reflexões do que acontecia no grupo. Para Weber (2009), o diário de campo é uma importante ferramenta para descrição e análise dos dados. Assim, narra a inserção da pesquisadora como participante e observadora das atividades desenvolvidas no grupo.

A pesquisa se destinou apenas ao público feminino do grupo, pois as mulheres eram maioria no grupo e pela interseccionalidade, ou seja, por sofrerem impactos tanto do racismo como do machismo.

O nome do quilombo “ANKH” vem do símbolo religioso egípcio que apresenta vários significados para alguns países africanos ao longo da história, pela concordância ele significa vida eterna, para alguns países africanos uma conexão com a vida após a morte e também com a espiritualidade (Amen, 1999).

O quilombamento é realizado pelo Núcleo de estudos sobre Gênero, Raça, Classe e Trabalho (NEGRACT) da Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar, tem duração indeterminada e começou no dia 13/07/2023. O recrutamento dos participantes se deu por meio de um post divulgado nas redes sociais do NEGRACT, no qual estavam contidas as seguintes informações: “Você se identifica como preto (a,e)? Tem mais de 18 anos? Tem interesse em participar de um grupo de quilombamento para promoção de saúde mental de pessoas negras? Tem disponibilidade de estar na UFDPar às quintas-feiras, das 18:30 às 20:30?” No final do post, foi disponibilizado um formulário de inscrição para quem se interessasse. Houveram quinze inscrições, das quais treze eram mulheres. Após a etapa da divulgação, todos foram adicionados a

um grupo de whatsapp, avisados sobre o primeiro encontro com as informações sobre o local e o horário e informados que qualquer dúvida poderia ser enviada por aquele canal.

Segundo Abade (2003), um grupo é um conjunto de pessoas que se reúnem com um mesmo objetivo, existindo diferentes formas de se formar. O grupo do quilombo ANKH assume um caráter operativo e aberto. É operativo porque tem um objetivo de trabalho definido, sendo composto tanto por um espaço de informação como de vivência (Zierman & Ozorio, 1997). É aberto porque novos membros podem entrar no decorrer do processo (Abade, 2003).

O grupo é coordenado por uma professora da instituição e mediado por duas psicólogas e um psicólogo integrantes do NEGRACT. Participam também doze alunos do estágio básico 3 do curso de Psicologia da mesma universidade. Os encontros são realizados semanalmente nas quintas-feiras, das 18:30h às 20:30h, em uma sala da universidade. O grupo tem como objetivo principal promover o aquilombamento como um espaço de afetos, autocuidado, acolhimento, suporte social e fortalecimento de pessoas negras que vivem na cidade de Parnaíba, Piauí.

Os encontros seguem a seguinte metodologia: no início, há um momento de relaxamento e alongamento para conectar os participantes com o momento presente do aqui-agora. Em seguida, é feita uma dinâmica referente à proposta do dia. Depois, há um momento de acolhimento às demandas dos participantes, compartilhamento de lanches e, por fim, o fechamento com um momento de roda e a descrição dos participantes sobre como foi o encontro por meio de uma palavra. Todas as atividades são feitas em prol de apresentar aos participantes uma vivência dos rituais e da cultura de povos africanos, por meio da dança, das dinâmicas e das comidas.

Resultados e Discussão

Neste texto apresento a descrição dos treze encontros realizados até o momento e, para facilitar a análise dos resultados, organizo-os em quatro tópicos: Auto-identificação como negras, Impactos do silenciamento na vida das mulheres negras, Ancestralidade e Aquilombamento.

Destaco que o objetivo destes tópicos não é explicar o conceito de quilombo, ou trazer um modelo de grupo de aquilombamento, mas sim evidenciar como as vivências do aquilombamento foram importantes para a vida dessas mulheres, pois o aquilombamento não se explica, ele acontece.

Autoidentificação Racial

A noção de raça surgiu como derivação da ideia de um homem universal, que seria o homem branco, considerado o modelo de tudo que era valorizado pela sociedade, e os demais povos, que seriam menos evoluídos. Essa noção envolvia características biológicas, como a cor de pele e os traços físicos e características étnico-culturais, como o lugar de origem, a religião e os costumes. Atributos negativos, como violência, imoralidade, ignorância dentre outros, eram associadas as pessoas negras (Almeida, 2019). Nesse contexto, há uma grande controvérsia sobre o conceito de raça e o que significa ser negra, pois essas noções surgiram a partir da noção do homem branco, sendo a pessoa negra tudo aquilo que a branca não era, ocupando assim um lugar de subalternidade (Lima, 2019). De acordo com Fanon (2008), a negra seria o objeto do outro, definido pelo outro.

Neste texto, autoidentificação refere-se ao reconhecimento da própria identidade (Autoidentificação, 2009), especialmente no que diz respeito à identidade racial como pessoas negras. O grupo trouxe como um dos primeiros pontos a dificuldade nessa autoidentificação. Algumas participantes que foram criadas por pessoas brancas relataram que sua família não as reconhecia como pessoas negras, mas como “morenas”, “pardas” e outros termos. Mesmo as que foram criadas por pessoas negras tinham em suas falas relatos de que seus familiares não se identificavam como pessoas negras, assim como elas próprias.

Ao tomar conhecimento destes relatos, surpreendi-me ao constatar a notável semelhança entre suas narrativas e minha própria trajetória. Criada por uma mulher de ascendência branca, jamais fui oficialmente reconhecida como pertencente à etnia negra; em vez disso, categorizaram-me como morena e parda. Tal circunstância resultou em minha própria dificuldade em identificar-me como mulher negra, desencadeando um extenso processo de autodescoberta. Percebo que esta jornada nos impõe uma experiência profundamente dolorosa.

Essa dificuldade pode ocorrer porque se identificar como negra é se diferenciar da branquitude e carregar consigo uma marca, deixada pela escravidão e pelo racismo, de atributos negativos herdados com ela. Para as famílias, se entenderem como “morenas ou pardas” se torna mais fácil, pois o objetivo da miscigenação era justamente embranquecer a sociedade, assim essas pessoas seriam menos “degeneradas”, ou seja, carregariam menos os traços de ser negra (Almeida, 2019).

No entanto, essa falta de reconhecimento em ser mulher negra não impede que nós, mulheres negras ou chamadas mestiças não carregamos esses atributos, pois os efeitos do racismo

afetam a todos (Lima, 2019). O grupo expressou que as participantes, mesmo que não se identificassem como negras, sofriam com as consequências do racismo, e ao se autoidentificarem como mulheres negras puderam compreender os sofrimentos que vivenciaram ao longo da vida, bem como as dificuldades e a escassez de oportunidade que enfrentaram. Conseguimos refletir sobre nossas experiências, assim como as de nossos familiares, no contexto do racismo, um exercício que estreitava ainda mais os laços entre nós como mulheres negras. Isso esclarecia que o sentimento de injustiça que experimentávamos não era singular, mas sim compartilhado por todas nós. Todas nos emocionamos ao relatar o momento em que nos identificamos como mulheres negras, pois trazíamos conosco uma dor, mas também orgulho, pois a partir daí podemos saber de onde vinhamos, quem realmente somos e para onde queremos ir.

Assim, se identificar como mulher negra é compreender como a população negra se construiu para além da escravidão, resgatar sua cultura, sua tradição e seus costumes. Nesse contexto, um dos propósitos do grupo era aproximar os participantes da sua própria história por meio da experiência de rituais dos povos africanos, da troca de histórias sobre a cultura, a festividade, a ancestralidade e a espiritualidade. Compreendendo assim a história das mulheres negras contada não mais pelos brancos, mas pelas próprias negras, tornando-se assim protagonistas da sua própria história e tendo a possibilidade de se orgulhar ao pensar em si mesmas.

Em uma ocasião, realizou-se um encontro com um ritual denominado Gursha, uma tradição originária da Etiópia e da Eritreia. Nesse ritual, cada participante dirigia-se ao centro da roda, onde havia um bolo, pegava um pedaço e colocava na boca de outro participante, que retribuía o gesto até que todos participassem, no começo houve um estranhamento pois não tínhamos costume em realizar esse tipo de ritual na hora da comida, mas de certa forma esse ato nos aproximou como grupo fortalecendo o nosso vínculo. Esse ritual expressava a comunhão entre a comunidade por intermédio da alimentação, que, conforme Sousa (2019), representa espiritualidade, convivência e oferenda aos orixás para as populações africanas, razão pela qual a alimentação é tão relevante nesses rituais.

Portanto, é importante afirmar que a dificuldade na autoidentificação como uma mulher negra não é pelo que a mulher negra é, mas pelo que ela foi vista ao longo do tempo como aquilo que o branco não queria ser, como diz Kilomba (2019, p. 38), “não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias do branco sobre o que a negritude deveria ser”.

Além disso, é preciso reconstruir a imagem do que significa ser negra, construída a partir do que a própria população reconhece, como sua cultura, sua tradição e sua história. Ao nos autoidentificarmos como mulheres negras, podemos pensar sobre as consequências do racismo em nossas vidas, mas também construirmos uma nova identidade sobre quem realmente queremos ser, o que é formado por cada uma em nossas próprias singularidades.

No âmbito do grupo, um fator preponderante para o reconhecimento das participantes como mulheres negras foi a presença significativa de marcadores de africanidade em diversas manifestações verbais. Conforme observado por Petit (2015), os marcadores de africanidade representam elementos identificadores de nossa ligação com a história, cultura e tradição africana, abrangendo desde aspectos religiosos até costumes cotidianos.

Essa conexão se revelou, por exemplo, nas narrativas que abordaram a interação com a natureza, como quando uma participante compartilhou a experiência de sentir o abraço de sua avó falecida ao mergulhar no mar durante suas visitas à praia. Da mesma forma, as referências a práticas alimentares, como os rituais noturnos de tomar chá mencionados por uma participante em sua convivência com a avó, relatando a percepção olfativa persistente do aroma do chá, mesmo em ausência física.

A espiritualidade também emergiu nos relatos que descreveram a conexão com familiares já falecidos, a sensação de serem escolhidos antes do nascimento, a tradição do uso de branco no Ano Novo como símbolo de paz, a utilização terapêutica de chás e a participação em festividades específicas. Como também experiências propostas pelos mediadores do grupo como sentarmos em roda, relembrar nossos ancestrais e o conhecimento da cultura e tradição africana.

Todos esses exemplos fortalecem os laços de descendência das participantes com a população africana, mesmo para aquelas com conhecimento limitado da história, cultura e tradição africanas, pois já incorporam mesmo que imperceptivelmente esses marcadores de africanidade em suas vidas.

A presença desses marcadores contribui para um sentimento de pertencimento à população africana negra, promovendo, assim, uma melhoria na autoidentificação das participantes como mulheres negras. Esse reconhecimento propicia a compreensão de um espaço e de uma história como suas próprias, marcadas por desafios, mas também enriquecidas por uma cultura fundamentada em cuidado e amor mútuos entre as comunidades.

Silenciamento das Mulheres Negras

No livro *Mémoria de Plantação* a autora Grada Kilomba (2019, p. 41) afirma que a verdade sobre a população negra foi por muito tempo “mantida em silêncio como um segredo”, os brancos temiam ouvir o que as pessoas negras tinham para dizer, pois preferiam manter distância das verdades sobre a escravidão, assim oprimiam as populações negras e ainda falavam por elas, justificavam suas torturas dizendo que as pessoas negras eram más, ladronas e sem alma. Usaram como instrumento do silenciamento as máscaras nas bocas das pessoas negras.

Algumas mulheres do grupo relataram que quando eram mais jovens não podiam falar sobre quem eram, frequentemente ouviam outras pessoas falando sobre elas e suas experiências, como seus pais e seus avós, outro motivo que identificaram para ser tão difícil sua autoidentificação como mulheres negras. Em alguns relatos de algumas que foram criadas por mães ou pais brancos, essas contaram que eles não compreendiam suas dores, desprezavam e por vezes até reprimiam.

Diante desse contexto, testemunhei uma experiência permeada por um intenso sentimento de inferioridade em relação a membros da própria família e também em relação a indivíduos externos, no âmbito desse processo de silenciamento e apagamento da nossa história, notadamente no que tange à falta de reconhecimento por parte da família acerca da nossa identidade como mulheres negras. Esses sentimentos são profundamente genuínos, uma vez que se manifestam como se nossa voz não possuísse a mesma relevância atribuída à voz branca, que muitas vezes se arroga o direito de falar sobre nós, resultando, assim, em nosso próprio silenciamento diante dessas circunstâncias.

Nesse sentido, as mulheres negras que se opõem ao silenciamento enfrentam a reação da sociedade dominante e branca, que as considera insolentes, mal-educadas, raivosas e ignorantes, dificultando assim a sua expressão (hooks, 2015).

Uma das participantes, relatou que ao apresentar um trabalho na universidade sobre um autor negro, teve que lidar com a indiferença e o desprezo de um colega branco, que colocou fones de ouvido, recusou-se a receber um folheto que explicava sobre o tema e chegou a defender a escravidão. Outros casos semelhantes foram narrados por estudantes negras que abandonaram a universidade por causa de atos racistas e professores que sofreram discriminação racial por parte de alunos.

Escutar relatos de experiências racistas no ambiente universitário toca em uma esfera muito profunda em mim, pois revela o quanto a sociedade, permeada pelo racismo e pelo machismo,

tende a excluir-nos desse espaço, empregando diversos meios para nos dissuadir de permanecer nele, em minhas próprias experiências já fui alvo desses ataques, nos quais minha expressão foi questionada por uma pessoa branca que contestou a existência de privilégios para os brancos em relação às pessoas negras. Isso colocou em dúvida meu sentimento de indignação e meu compromisso pela mudança. Ao afirmar que uma abordagem psicológica descomprometida com a construção de uma ciência e profissão desvinculadas do pensamento colonial não seria capaz de atender a todos de maneira equitativa, deparei-me com a negação desse ponto de vista por parte da pessoa em questão. Nesse dia me senti novamente silenciada, porém ao relatar para o grupo minha experiência pude ser acolhida e entender que essa experiência tinha sido um ato de racismo cometido contra mim.

Conforme citado por Almeida (2019), o racismo não é uma questão individual, mas sim uma manifestação intrínseca à estrutura da sociedade. Dessa forma, todos nós crescemos imersos nesse contexto em que o racismo se faz presente. Quando uma pessoa branca nega seu privilégio, ela está, na verdade, se eximindo da responsabilidade de reconhecer sua participação no racismo, algo que, dentro do paradigma do racismo estrutural, não se configura como uma abordagem válida, uma vez que o racismo é uma dinâmica coletiva.

Corroborando com o supracitado anteriormente, Bento (2022) vem mencionar que a estrutura social foi moldada através de um pacto entre indivíduos pertencentes à branquitude. Em outras palavras, pessoas brancas tendem a proteger e favorecer umas às outras, proporcionando empregos, cargos de liderança, confiança e respeito predominantemente dentro desse grupo. Em contrapartida, pessoas negras frequentemente são relegadas a ocupar posições de menor prestígio, com salários inferiores, ao mesmo tempo em que sua capacidade de desempenhar tarefas equivalentes àquelas realizadas por pessoas brancas é muitas vezes questionada. Diante desse contexto, torna-se inegável a existência dos privilégios associados à condição de ser branco.

Não é coincidência que indivíduos brancos se sintam no direito de como citado acima defender um período marcado pelos mais altos índices de assassinato em nossa comunidade. O mesmo silenciamento que nos coage a calar diante de nossa própria identidade também outorga a uma pessoa branca a permissão para adotar tais posturas.

O racismo na universidade é uma forma de silenciar a população negra. Segundo Kilomba (2019), o espaço acadêmico é um espaço branco que historicamente exclui as vozes negras, é um espaço de violência em que as mulheres negras “foram descritas, classificadas, desumanizadas,

primitivizadas, brutalizadas e mortas” (p.51). Quando elas acessam esses espaços e expressam suas ideias, são deslegitimadas por pessoas brancas que se arrogam o conhecimento sobre a cultura da população negra. Quando elas produzem trabalhos acadêmicos sobre o racismo, suas escritas são questionadas, pois são vistas por um olhar branco colonial que as considera muito subjetivas e pouco objetivas, impondo a escrita branca como padrão do que deve ou não ser escrito.

Além das situações de silenciamento na universidade, também foi relatada a impunidade, pois mesmo que as vítimas denunciem os atos, elas sentem que nenhuma medida é tomada contra os agressores o que fortalece ainda mais o silenciamento pois desencoraja a nossa fala.

Audre Lorde em seu poema “Uma litania por sobrevivência”, publicado no livro *The Black Unicorn*, em 1978, relata que as mulheres negras, mesmo que exploradas e oprimidas, tem que romper com o silêncio: “E quando falamos temos medo de nossas palavras não serem ouvidas, nem bem-vindas, mas quando estamos em silêncio ainda assim temos medo. É melhor falar então “(p.55).

Segundo bell hooks, “erguer a voz é um ato de resistência consciente contra a autoridade dominante” (p.7). É preciso lutar para romper os silêncios impostos há tanto tempo, pois esse é um ato de rebeldia contra os ataques sofridos em virtude do silenciamento imposto pelo racismo.

Nessa perspectiva, ao nos reconhecermos como mulheres negras, podemos também falar sobre nós mesmas com orgulho, pois estamos ali para afirmarmos nossas identidades e sermos autoras das nossas próprias histórias. O grupo representa para nós um espaço onde podemos ser nos mesmas e compartilharmos nossas experiências com pessoas que compreendem e que também podem ter vivenciado situações semelhantes. Estar ali é nos se reencontrarmos com nossos pares, algo que consideramos por muito tempo ter sido negado e que para nós é muito significativo.

Dessa forma, o grupo não apenas oferece acolhimento, mas também proporciona a reflexão sobre estratégias de enfrentamento, como a criação de um ambiente acolhedor e isento de julgamentos para compartilhar histórias de dor. Além disso, busca-se recontar a verdadeira narrativa de nosso povo por meio de vozes negras, identificando alternativas para denunciar casos de racismo na universidade e em outros espaços, incluindo instâncias administrativas como as reitorias, e até mesmo buscando recursos judiciais.

Um exemplo da narrativa da história da população negra foi destacado, especialmente, em dois encontros. Em um deles, assistimos a um documentário dirigido por Chico Rasta, realizado no Estado do Piauí, que abordou o único quilombo reconhecido em nosso estado, o Mimbó. Nessa

ocasião, tivemos a oportunidade de conhecer a história dessa comunidade, marcada por desafios advindos de ataques racistas, mas também caracterizada por uma resistência incansável. A comunidade vive a cultura negra em todas as suas dimensões, e esses momentos proporcionaram um contato significativo com a nossa verdadeira história.

Outro encontro significativo ocorreu durante uma manifestação na Praça da Graça, na cidade de Parnaíba, Piauí, onde denunciemos e repudiamos a construção de uma estátua em homenagem a um dos maiores escravocratas do município, Simplício Dias. De acordo com relatos das pessoas que participaram da manifestação, esse indivíduo foi responsável por diversos assassinatos de pessoas negras na região, além de ter cometido abusos sexuais contra escravizadas negras. O então prefeito da cidade decidiu homenageá-lo, ordenando a instalação de sua estátua em praça pública, atribuindo-lhe o título de Herói da cidade.

A possibilidade de conhecer essas narrativas não registradas nos livros reforça a convicção de que a luta da nossa população não foi em vão e que as atrocidades cometidas contra nós não podem permanecer impunes. Participar desse momento de protesto permitiu-nos, conscientes da história de nossa cidade, compreender como ela foi construída e compreender os ataques que enfrentamos no presente e que temos que erguer nossas vozes como resistência para lutarmos contra eles. Novamente, não é por acaso que um político branco se arrogue o direito de homenagear um escravocrata.

O vínculo estabelecido pelo grupo também se traduz em uma rede de apoio mútuo, fortalecendo-nos para resistir à exclusão em locais que buscam nos marginalizar. Conscientes de que não estamos sozinhas, percebemos que, unidas, somos mais fortes e capazes de enfrentar os desafios coletivamente.

O Grupo e a Ancestralidade

Ancestralidade é um conceito que se refere à consciência do presente em relação ao que já aconteceu e ao que acontecerá. Não é uma noção apenas do passado, mas também do futuro, que para as comunidades africanas implica uma responsabilidade como membro da comunidade com os que se foram e com os que virão (Comissão da verdade sobre a escravização negra no DF e Entorno, 2017).

Conforme destacado por Faislon (2020), a ancestralidade pode ser definida como a transmissão da cultura e tradição africana dos mais velhos para os mais jovens. Na religião do candomblé, essa prática representa uma ligação significativa entre os membros da família e seus

antepassados, incluindo aqueles que já faleceram, entidades espirituais e divindades como os orixás. Este processo não apenas fortalece a cultura africana, mas também serve como meio de perpetuar e transmitir conhecimentos de uma geração para outra.

É importante salientar que o candomblé é apenas uma das religiões formadas pelos escravizados no Brasil, denominadas de religiões afrobrasileiras, havendo outras. Essas religiões foram construídas em meio à escravidão, com os costumes, memórias e tradições de cada pessoa que foi escravizada, lembrando que as pessoas africanas vieram de vários países, regiões, grupos étnicos da África e cada um tinha consigo uma história e uma cultura. Ao chegarem com as imposições culturais dos europeus, tiveram que adaptar seus rituais para não serem punidas (Faislon, 2020).

Esse representa um dos primeiros marcos na estratégia dos povos brancos de privar-nos de nossa ligação com a espiritualidade. De acordo com Faislon (2020), essa abordagem visava desumanizar as populações africanas escravizadas que chegaram ao Brasil, com o propósito de silenciar suas práticas religiosas, enquanto impunham as crenças dos brancos como as corretas, estabelecendo padrões a serem seguidos pela comunidade branca. Essa dinâmica persiste até os dias atuais, manifestando-se na demonização das religiões de matriz africana e na prevalência de intolerância religiosa direcionada a essas comunidades.

Portanto, a conexão com a ancestralidade emerge como uma forma de resistência. Ao resgatar nossa relação com a espiritualidade, que foi negada por tanto tempo, essa prática torna-se uma estratégia de reconhecimento de nossas origens e fortalecimento enquanto pessoas negras, assim “a ancestralidade africana se torna, também, signo de existência e resistência da população negra na continuidade brasileira, gestando um legado sociocultural e sociopolítico” (Faislon, 2020 p.18).

Dessa forma, o grupo propõe realizar suas atividades enfatizando a importância da ancestralidade, compreendendo-a como um forte indicador de africanidade, possibilitando que as participantes possam recordar de sua própria história, seus familiares falecidos e suas conexões espirituais, assim fortalecendo o vínculo do grupo entre as participantes, bem como com a cultura dos povos africanos que foram escravizados no Brasil, lembrando a descendência das participantes com esses povos.

Assim, foi possível observar desde o primeiro encontro a proposta de conexão com a ancestralidade. Na apresentação feita no primeiro encontro, algumas participantes afirmaram que

estavam ali não somente por elas, mas pelos seus ancestrais reis e rainhas, ressaltando que quando uma pessoa negra fala, não é somente ele que está falando, mas todos aqueles que vieram antes dela. Então, participar do grupo também era estar com seus ancestrais e sua comunidade.

No segundo encontro, os estagiários de psicologia propuseram um momento de relaxamento, utilizando inicialmente a técnica da respiração diafragmática¹. Após isso, a estagiária pediu para que todos se imaginassem em uma praia onde estariam os seus ancestrais. Esse momento possibilitou que as participantes do grupo pudessem recordar de familiares falecidos, entidades espirituais, bem como a conexão com a terra e o mar. Ao compartilharem suas experiências, as participantes se emocionaram e foram acolhidas pelo restante do grupo.

Ao deparar-me com esta proposta, experimentei uma surpresa diante dos efeitos que ela provocou. Ao imaginar-me entre meus ancestrais, entrei em contato com uma experiência singular, a qual também foi compartilhada por outras participantes. À medida que a mediadora solicitava que visualizássemos, era como se estivéssemos verdadeiramente à beira da praia. Na minha imaginação, minha família estava presente, com destaque para uma avó e um primo já falecidos. Todos nos abraçávamos, e eu indagava: Vocês estão realmente aqui? A resposta afirmativa ecoava, e continuávamos abraçados. Uma emoção profunda impregnou o ambiente, pude sentir as lágrimas escorrendo pelos meus olhos. Ao ouvir os relatos, percebia-se essa conexão, como exemplificado por uma das participantes que descreveu sentir a água do mar batendo em seus pés.

No quarto encontro, o grupo realizou um ritual chamado libação, que de acordo com os mediadores era um momento em que os participantes iriam oferecer uma oferenda para seus ancestrais. O ritual consistiu no seguinte: no centro da sala havia uma planta e um jarro com água. Cada participante se dirigia até esse local, dizia o nome de um ou mais ancestrais e em seguida colocava a água no jarro, simbolizando a oferenda. Depois, dizia uma palavra para o grupo e todos diziam: Axé. A maioria das participantes mencionou o nome de suas avós e as palavras mais ditas foram: resistência, acolhimento e liberdade.

Nesse ritual, experimentei a emoção de reconectar-me com meus ancestrais, bem como um profundo sentimento de luto, até então desconhecido por mim. Ao dirigir-me ao centro e realizar a oferenda, vivenciei uma energia poderosa, indescritível por palavras, mas plenamente percebida.

¹ Respiração Diafragmática é uma técnica de respiração que consiste em “respirar de forma lenta e profunda através do nariz até o fundo dos pulmões” (Kullor & Adhikary 2009, p.459)

À medida que as participantes compartilhavam suas histórias sobre seus ancestrais, comecei a compreender a minha própria conexão intensa com um primo recentemente falecido. Essa ligação, que se manifestou após sua morte, era algo que eu não compreendia completamente e, muitas vezes, tentava reprimir. Eu sentia sua presença, mas resistia a aceitá-la. Naquele dia, ao abordar essa conexão em meio a uma ancestralidade que me era relativamente desconhecida, pude refletir sobre o que estava ocorrendo e aceitar a presença do meu primo ao meu lado. Expressando-o com minhas próprias palavras, afirmei: Te aceito aqui comigo.

Após meu relato, fui acolhida pelo restante do grupo. A coordenadora então elucidou a perspectiva da morte na cultura africana, destacando que a morte é apenas uma transição, sendo minha conexão com meu primo uma continuidade além deste plano existencial, sendo assim um forte marcador de africanidade. A partir desse entendimento, pude superar meu luto, compreendendo a morte e a ancestralidade como elementos significativos em minha vida.

Outras participantes também compartilharam esse sentimento semelhante, o que reforçou meu senso de acolhimento, não apenas pelos presentes naquele espaço, mas também pela presença de nossos ancestrais, tangível pela energia na sala.

Esses momentos foram muito emocionantes para nós. As atividades possibilitaram que nós pudéssemos lembrar momentos importantes da nossa vida com nossos familiares, alguns já falecidos, e refletir sobre a conexão existente mesmo após a morte. Nesse momento trabalhou-se uma ressignificação acerca da morte, pois sempre partimos do significado cristão e branco sobre a morte, de começo, meio e fim e segundo a mediadora, para os povos africanos, aqueles que morriam ainda permaneciam ao lado de seus familiares. Há uma continuidade cíclica entre vida e morte.

De acordo com Bandeira (2010), a morte para algumas populações africanas como Iorubás, Fon e Bantu não elimina a singularidade do ser, que continua existindo. Para eles, há a onipresença dos ancestrais, bem como a reencarnação, permitindo que aceitem melhor a morte, pois aquele que morre continua existindo de uma forma diferente, assim no momento da morte existe um sentimento de alegria pois aquele que morre será guiado pelas divindades espirituais e encontrará seus ancestrais. “No entendimento da ancestralidade, a morte não representa simplesmente o fim da vida humana, mas sim que a vida terrestre se prolonga em direção para a vida além do túmulo” (Sobrinho, 2021, p.41).

Assim, foi possível observar que compreender o que era ancestralidade e como a morte era vista pelas populações africanas fez com que essas mulheres se sentissem acolhidas. Ao compartilharem suas histórias, muitas agradeciam pelo momento e diziam que poderiam a partir dali construir um novo entendimento sobre a morte, sobre seus ancestrais e a relação que teriam com eles.

A partir do sétimo encontro, foi feita uma dinâmica com o propósito de evocar a lembrança de nossos ancestrais. A instrução consistia em realizar um desenho em papel, retratando nossos avós maternos, avós paternos, pais e, por fim, nós mesmos. Cada figura deveria ser caracterizada por traços distintivos que nos remetesse a lembranças marcantes, além de destacarmos uma qualidade de cada ancestral que desejávamos incorporar. A essência da dinâmica residia na evocação tanto das memórias ancestrais quanto na narração de nossa própria história através de nossas vozes.

A observação atenta revelou o impacto emocional significativo que essa dinâmica teve sobre as participantes, proporcionando uma reconexão com lembranças que pareciam estar desvanecidas. Algumas participantes compartilharam suas dificuldades em recordar avós paternos ou maternos, atribuindo essas lacunas a traumas decorrentes de experiências desfavoráveis, principalmente quando relacionadas à questão racial. Outras mencionaram a dificuldade em recordar alguns avós devido ao falecimento destes durante a infância, o que suscitava um sentimento de vazio, uma ausência de memórias que, por sua vez, refletia na história muitas vezes apagada de nossos próprios ancestrais ao longo do tempo.

Por outro lado, algumas participantes se emocionaram e riram ao compartilhar histórias repletas de alegria, expressando gratidão pelo momento vivenciado. Através dessa dinâmica, proporcionou-se a oportunidade de reconectar-se com os ancestrais, bem como de acolher as dores relacionadas a eles. Algumas participantes compartilharam experiências dolorosas do passado, incluindo atos racistas sofridos por seus familiares, sendo prontamente acolhidas. Relataram sentir-se mais leves e em paz consigo mesmas.

O espaço proporcionado para essa conexão com os ancestrais e a possibilidade de recontar suas histórias, que também são nossas, contribuíram para um sentimento de pertencimento e acolhimento no quilombo. Nesse ambiente, aprendemos não apenas com as histórias alheias, mas também encontramos compreensão para nossas próprias vivências.

Além disso, é crucial ressaltar que a ancestralidade também está vinculada à natureza para diversas populações africanas, onde a natureza é considerada o primeiro ancestral, constituindo-se como a primordial criação, e, portanto, o ser humano derivaria dela. Isso destaca a importância de zelar por ela e protegê-la. Quando o ser humano não respeita a natureza está desrespeitando a criação, a espiritualidade, ancestralidade e a comunidade (Domingos, 2011). No contexto do grupo, a ligação com a ancestralidade da natureza foi expressa em várias ocasiões. Os momentos de sentarmos em roda e no chão, algumas participantes compartilharam experiências ao se identificarem como provenientes das águas, enfatizando serem filhas de Yemanjá. Outras mencionaram encontrar conforto e conexão com entes queridos já falecidos ao entrar no mar, enquanto outras ainda destacaram sua relação com as plantas por meio do consumo de chás. Outras falaram que sua conexão com a natureza era tão forte que já entendiam ela como sua ancestral mesmo antes de saber disso.

Portanto, é importante ressaltar que as atividades propostas pelos mediadores com temas relacionados à ancestralidade são uma proposta do quilombamento, pois permitem uma reflexão sobre as histórias de cada um, sejam de dores ou de alegrias, e uma conexão maior com elas e com a relação com a história dos povos negros. Além disso, propõem um senso de comunidade entre as participantes e formas de repensar os impactos sofridos pelo racismo desde a escravidão até o presente momento e refletir sobre formas de lutar contra isso. Como também nos proporciona a oportunidade de nos reconectarmos com a nossa espiritualidade que nos foi negada por muito tempo. Relembrar essas narrativas também se configura como uma estratégia crucial para enfrentar o perigo do esquecimento.

Aquilombamento

O quilombo surgiu no século XVI com uma sociedade chamada Imbangala na Angola, conhecida por sua crueldade. Eles matavam seus filhos assim que nasciam e adotavam os filhos adolescentes dos povos que derrotavam. Quilombo eram as pessoas que se incorporavam à sociedade Imbangala, mas o termo também tinha outros significados, como o território onde ocorriam as guerras e o acampamento onde ficavam os escravizados fugitivos (Nascimento, 2018).

No Brasil, os quilombos se formaram a partir das comunidades habitadas pelos negros que fugiam da escravidão. Um dos quilombos mais importantes do país foi o quilombo dos Palmares no século XVII. Esses quilombos não eram apenas locais de refúgio, mas também lugares de luta, de ensinamentos da cultura africana, de espiritualidade e novas formas de se organizar em

sociedade contra a organização opressora do Estado. Eram espaços de luta e resistência (Nascimento, 2018).

Para Beatriz Nascimento em seu livro *Quilombola e intelectual*, publicado em 2018, o quilombo é muito mais do que o espaço físico. É um espaço político que se formou a partir de grupos de pessoas negras que ainda existem e podem se formar. O grupo de aquilombamento descrito neste trabalho parte desse pressuposto. É um espaço que, além de físico, proporciona o reconhecimento da população negra, o contato com a história das pessoas negras contada pelas próprias negras, o contato com a cultura e rituais africanos, as redes de apoio, o vínculo afetivo, a alegria, o compartilhamento de dores e o acolhimento.

Isso foi retratado ao longo dos encontros. As participantes afirmaram que estar naquele grupo fazia com que elas se sentissem bem, pois estavam falando suas dores para outras pessoas que entendiam. Elas diziam que era muito importante estar com pessoas como elas e poder participar de atividades e rituais dos povos dos quais elas eram descendentes, ou seja, os povos africanos.

Durante os encontros, realizaram-se alguns rituais de origem africana, como a gurcha e a libação, mencionados anteriormente. Além disso, em todos os encontros tinha um espaço para um acolhimento, no qual as participantes podiam expressar suas angústias e serem acolhidas pelo restante do grupo. Uma das participantes destacou a importância desse espaço para falar sobre os ataques racistas que sofria, pois nos outros lugares ela era silenciada. Ela disse que ali ela podia falar e ser acolhida, o que gerava um sentimento de pertencimento e de vínculo com o grupo.

Outro aspecto importante que foi abordado pelos mediadores foi o contato com a ancestralidade, que permitiu que as participantes conhecessem mais sobre a cultura africana proposta pelo grupo e também compartilhassem suas memórias de pessoas que faleceram, como avós, recebendo e oferecendo acolhimento. Isso demonstra o vínculo que o grupo vem construindo.

O grupo favoreceu a interação entre as participantes, que puderam conversar e se abraçar em alguns momentos, como no final de cada encontro, quando se reuniam em roda e se abraçavam. Nesse momento, eram ditas palavras que simbolizavam o encontro. As palavras dos treze encontros foram: acolhimento, ancestralidade, resistência, axé, vitalidade, memórias e comunidade.

O grupo possibilitou que essas mulheres refletissem sobre os impactos do racismo em suas vidas e que tivessem um espaço para se expressarem autenticamente, incluindo seus sentimentos em relação às opressões sofridas, como choro, gritos de raiva e desespero. Esses sentimentos eram acolhidos pelo grupo, que buscava confortar e apoiar as colegas com suas falas. Em um dos encontros, por exemplo, uma participante formada em psicologia orientou uma colega que relatou um ato de racismo a buscar redes de apoio na internet, que oferecem ajuda gratuita de profissionais para mulheres vítimas de racismo.

O grupo proporcionou às participantes uma perspectiva renovada sobre seus próprios corpos. Em determinados encontros, elas destacaram a questão de seus cabelos, que eram alisados na infância devido à percepção de suas famílias de que eram considerados feios e difíceis de cuidar. Nessas ocasiões, as participantes emocionaram-se ao relembrar esses momentos e compartilharam as dificuldades que enfrentaram ao aceitar suas próprias identidades. Isso marcou o início de seus processos de transição, os quais não se limitavam apenas ao retorno aos cabelos naturais, mas representavam momentos cruciais de autoaceitação e reconhecimento de sua ancestralidade.

Esses relatos evidenciam como nossa sociedade se estrutura de maneira racista, impondo padrões corporais que não contemplam a diversidade dos corpos negros. Esse cenário impacta as famílias e, especialmente, as crianças, sujeitando-as a preconceitos que, por sua vez, resultam em sentimentos negativos em relação à própria imagem na vida adulta.

Compartilhei minha experiência única de ter uma mãe branca que sempre valorizou a beleza do meu cabelo e o da minha irmã, enfatizando que nunca deveríamos comprometer sua forma, zelando e protegendo-os. Destaquei como essa experiência foi fundamental para que eu amasse meu cabelo ao longo da vida, mesmo diante de críticas externas. Surpreendentemente para as demais participantes, mencionei que nunca havia alisado meu cabelo. Isso ressalta a importância de uma sociedade que valorize e reconheça a diversidade de traços, promovendo maior representatividade e reconhecimento da população negra.

Nesse contexto, o grupo nos proporcionou espaços para discutirmos sobre as nossas concepções de beleza, além de valorizá-las, como exemplificado pelo festival de arte, cultura e oralidade negra, o FEST NEGRA realizado pelo NEGRACT que participamos. Esse evento mostrou a riqueza da cultura negra, incorporando expressões artísticas como dança, música, rituais e oficinas. Durante o evento, foram realizadas oficinas de embelezamento, abordando

temas como penteados afro e amarração de turbantes. Foram oferecidas maquiagem e tranças afro tanto para as mulheres negras quanto para os homens negros. O ápice do evento foi o desfile de belezas negras, que, acredito, representou um ponto culminante do aquilombamento, transformando narrativas de dor e silenciamento em experiências significativas de resistência e autoestima.

A emoção compartilhada por todas durante o desfile foi palpável, com aplausos a cada participante, refletindo não apenas a presença física da plateia, mas também a energia dos ancestrais que não tiveram a oportunidade de vivenciar tal experiência. O desfile, marcado pelos sorrisos e alegria das participantes exibindo suas vestimentas e cabelos afro, simbolizou uma celebração da identidade negra.

Ao longo das 14 horas de duração do evento, das 8h às 22h, tivemos a oportunidade de adquirir conhecimento sobre a tradição e cultura africana, experimentando momentos de alegria e, ao mesmo tempo, de luta. A realização desse evento na universidade reforçou a mensagem de que o espaço acadêmico é também nosso, e que o ocuparemos de maneira ativa e representativa.

Destaco, ainda, que o grupo de aquilombamento se tornou uma verdadeira família para nós, fundamentada em laços afetivos, conforme reiterado pelos relatos das participantes sobre o impacto positivo do grupo em suas vidas. Aquelas que, inicialmente, enfrentaram dificuldades em expressar seus sentimentos e ponderaram sobre a permanência no grupo, nos últimos encontros compartilhavam abertamente suas experiências, enfatizando a importância do grupo para elas.

Considerações Finais

Face ao exposto, torna-se evidente que o silenciamento exerce um impacto significativo sobre as mulheres negras desde os tempos da escravidão, resultando na minimização e questionamento de suas vozes por uma sociedade fundamentada em atos racistas que historicamente protegeram indivíduos brancos. Este fenômeno de silenciamento acarreta em uma sensação de inferioridade para tais mulheres, perpetuando-se desde a infância até a vida adulta, com destaque para a influência proveniente de suas próprias famílias, conforme relatado como um dos primeiros impactos.

As narrativas acerca das pessoas negras foram distorcidas nesse contexto, concedendo exclusivamente às pessoas brancas o direito de falar sobre a comunidade negra. Esse silenciamento

também contribui para a dificuldade na autoidentificação como mulheres negras, uma vez que, desde crianças, são instruídas a ocultar seus traços.

O grupo de aquilombamento, mencionado neste estudo como uma coletividade inspirada nos quilombos, primordialmente constituída por escravizados fugitivos, configura-se como uma comunidade dedicada à preservação da tradição africana e ao mútuo cuidado. Destaca-se como uma significativa ferramenta de enfrentamento ao silenciamento, uma vez que restaura a voz às pessoas negras e narra a história da população negra através de suas próprias vozes, estabelecendo-se igualmente como uma rede de apoio.

Diante desse contexto, é possível afirmar que os objetivos deste trabalho foram plenamente atingidos. Os resultados revelam como o silenciamento impactou e continua a impactar a vida dessas mulheres, influenciando diretamente a construção de suas experiências identitárias. Além disso, ressaltam o grupo de aquilombamento como uma ferramenta de cuidado e resistência de grande importância.

Nesse sentido, o grupo proporcionou às participantes um ambiente seguro que as incentivou a expressar autenticamente suas identidades, ao mesmo tempo em que possibilitou o uso de suas vozes como meio de resistência, permitindo que falassem por si mesmas. Além disso, contribuiu para a autoidentificação como mulheres negras, destacando e enaltecendo a riqueza da cultura e da beleza negra. O grupo ofereceu apoio e acolhimento às demandas apresentadas em cada encontro, servindo como suporte emocional e fortalecendo os vínculos estabelecidos.

O foco das atividades concentrou-se no reconhecimento da ancestralidade e espiritualidade, recontando a história das populações negras provenientes de diversos países africanos, narrativas que foram transmitidas pelas próprias pessoas negras. Isso resultou na criação de um ambiente afetuoso e de reconhecimento, permitindo que essas mulheres partilhassem suas histórias com indivíduos que poderiam ter experienciado situações semelhantes e que as compreendiam.

Na esfera universitária, o grupo proporcionou às mulheres negras o reconhecimento dos atos racistas sofridos, oferecendo um espaço propício para a expressão dessas experiências. Além disso, contribuiu significativamente para a elaboração de estratégias de enfrentamento diante dessas adversidades. Paralelamente, ao envolver-se com a comunidade acadêmica, o grupo reafirmou a importância de que esse espaço, por tanto tempo negado a nós, também nos pertence.

Minha própria experiência no grupo foi transformadora. Inicialmente reservada sobre compartilhar minhas vivências, com receio de demonstrar vulnerabilidade, percebi-me envolvida

no movimento do grupo, participando ativamente e emocionando-me em cada encontro. O grupo de aquilombamento representou uma reviravolta em minha vida, não apenas no âmbito acadêmico, mas também ao possibilitar uma aceitação mais profunda da minha identidade como mulher negra. Compreendi minhas dores, aproximei-me da minha espiritualidade e conectei-me com meus ancestrais, destacando experiências inestimáveis. Ao relatar meu progresso no grupo durante uma sessão de terapia, minha psicóloga afirmou que o grupo era a cereja do bolo no meu processo de melhoria, evidenciando os impactos positivos na minha saúde mental.

Nesse contexto, torna-se notável o impacto significativo que o grupo teve na saúde mental das participantes, evidenciado pelo progresso observado no desenvolvimento individual de cada uma. Um grupo de aquilombamento desempenha um papel crucial para as pessoas negras, sendo uma importante estratégia de enfrentamento ao silenciamento, contribuindo para o processo de aceitação, ampliando o conhecimento sobre a cultura africana, fortalecendo a autoestima, estabelecendo redes de apoio, promovendo a resistência e engajando na luta contra o racismo. Se os brancos estabeleceram o pacto da branquitude, o aquilombamento representa um contrapacto significativo.

Assim enfatizo a relevância deste trabalho, uma vez que, se a literatura muitas vezes perpetua uma narrativa distorcida, contada predominantemente por pessoas brancas acerca da história das pessoas negras, este estudo propõe-se exatamente ao contrário: contar a verdadeira história das mulheres negras por meio das próprias mulheres negras. Destaca-se, assim, como o Brasil persiste em ser uma nação cuja estrutura favorece o racismo e as pessoas brancas, excluindo-nos de seus espaços, como evidenciado no relato sobre a discriminação racial enfrentada por nós na universidade. Ressalto, especialmente, as posturas que devemos adotar para confrontar essa realidade, afirmando que tais espaços nos pertencem por direito.

Diante disso, torna-se imperativo promover novas pesquisas feitas por pessoas negras sobre a temática abordada, a fim de destacar a importância desse assunto na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Esses estudos devem abranger a análise de como o silenciamento afeta pessoas negras em diversas regiões do país, com diferentes níveis de escolaridade, condições socioeconômicas, entre outros aspectos. Além disso, é essencial pesquisar como um grupo de aquilombamento pode contribuir para o empoderamento dessas pessoas.

Concluo reforçando a necessidade de pessoas negras estabelecerem novos grupos de aquilombamento, como também incentivo a escrita e a leitura de estudos feitos por mulheres negras

reconectando-se com sua própria história e tradição. Somente através desse reencontro podemos aspirar a escrever uma nova narrativa fundamentada na resistência e na verdade.

Referências

- Abade, F. L. (2003). *Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde*. Edições do campo social.
- Almeida, S. (2019). *Racismo Estrutural* (1ªed., vol.1). Editora Polén.
- Amen, N. A. (1999). *The Ankh: African Origin of Electromagnetism*. A & B Publishers Group.
- Autoidentificação (2009). Dicionário Online de Português. Acessado em 8 de Agosto.
Autoidentificação - Dicio, Dicionário Online de Português
- Bandeira, L. C. C. (2010). A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. *Último andar*, (19), 33-39. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/13304>
- Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das Letras.
- COMISSÃO DA VERDADE SOBRE A ESCRAVIDÃO NEGRA NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO (2017). *A Verdade sobre a Escravidão Negra no Distrito Federal e Entorno*. Sindicato dos Bancários de Brasília. Sindicato dos Bancários de Brasília. 206p.
- Dias, A. P., Ferreira, J. J., Silva, C. S. P., Silva, K. A. & Paes, M. S. (2022). *O Feminismo Negro: Um Olhar Sobre a Questão Social, Sexual e Racial*. XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Disponível em: [00370.pdf \(abepss.org.br\)](#)
- Domingos, L. T. (2011). *A VISÃO AFRICANA EM RELAÇÃO À NATUREZA*. Revista Brasileira de História das Religiões. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>
-
- Evaristo, C. (2020). Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057>
- Evaristo, C. (2020) *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes*. 1. ed. Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte”.

- Faislon, L. L. (2020) *Candomblé: Axé e Ancestralidade como categoria analítica afrocêntrica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde. Disponível em: repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1828
- Fanon, F. (2022). *Os condenados da terra*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Harteman, G. & Moraes, I. P. (2018). *CONTAR HISTÓRIAS E CAMINHAR COM ANCESTRAIS: POR PERSPECTIVAS AFROCENTRADAS E DECOLONIAIS NA ARQUEOLOGIA*. (Vol. 12, nº2). Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, 10-34. link: <https://doi.org/10.31239/vtg.v12i2.12196>
- Hooks, B. (2019). *Erguer a Voz: Pensar como feminista, pensar como negra*. Editora Elefante.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.
- Kulur, A. B., Haleagrahara, N., Adhikary, P., & Jeganathan, P. S. (2009). *Efeito da respiração diafragmática sobre a variabilidade da frequência cardíaca na doença cardíaca isquêmica com diabete*. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, 92, 457-463. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0066-782X2009000600008>
- Lima, F. (2019). *O trauma colonial e as experiências subjetivas de mulheres negras: raça, racismo e gênero*. In: Pereira, M. O & Passos, R.G. Luta antimanicomial e Feminismos: inquietações e resistências. Rio de Janeiro: Autografia. <https://drive.google.com/file/d/1OtXZAf3yCTcg27wNpfXKXhHzX2z3Dnd-/view?usp=sharin>
- Lorde, A. (1978). *The black unicorn*. Penguin UK.
- Nascimento, A. (2020). *O quilombismo*. Editora Perspectiva SA.
- Nascimento, B. (2018). *Quilombola e intelectual: Possibilidades nos dias da destruição (1ª ed.)*. Editora Filhos da África.
- Nascimento, M. C. (2022). *DAS MEMÓRIAS SILENCIADAS ÀS MEMÓRIAS FUTURAS: pistas para uma psicologia antirracista*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense] Disponível em: [2022 t Maria da Conceicao Nascimento.pdf \(uff.br\)](#)
- Peruzzo, C. M. K. (2017). *Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação*. Estudios sobre las culturas

contemporâneas, 23(3), 161-190. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31652406009>

Petit, S. H. (2015). *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança, afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores - contribuições do legado africano para implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: Ed. UECE.

Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. Editora Polén.

Sobrinho, J. S. (2021). *Terreiros Egúngún: um culto ancestral afro-brasileiro*. SciELO-EDUFBA.
DOI: <https://doi.org/10.7476/9786556304137>

Souza, I. C. F. (2019). *A presença do sagrado na gastronomia de uma religião de matriz africana*. UNIDA / Faculdade Unida de Vitória. Disponível em:
<http://bdtd.fuv.edu.br:8080/jspui/handle/prefix/339>

Weber, F. (2009). *A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?*. Horizontes Antropológicos, 15(32), 157-170. doi:10.1590/S0104- 71832009000200007

Zimmerman, D. E & Osório, L. C. (1997). *Como trabalhamos com grupos*. Artes Médicas.